A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS

Valdiva Batista Barbosa[1]

RESUMO: A avaliação desempenha um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pois permite acompanhar o desenvolvimento dos estudantes e identificar suas necessidades educacionais. Mais do que atribuir notas, a avaliação deve ser compreendida como um instrumento de apoio à aprendizagem, contribuindo para a construção de conhecimentos e competências. Nesse contexto, é importante que o processo avaliativo ocorra de forma contínua, diagnóstica e formativa, valorizando os avanços e as potencialidades de cada aluno. Este estudo, desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, apresenta reflexões sobre a relevância da avaliação nas séries iniciais, destacando sua função de orientar as práticas pedagógicas e favorecer uma aprendizagem mais significativa e inclusiva.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem; Séries iniciais; Ensino Fundamental; Avaliação formativa; Desenvolvimento escolar; Prática pedagógica.

ABSTRACT: Assessment plays a fundamental role in the teaching and learning process during the early years of Elementary Education, as it enables the monitoring of students' development and the identification of their educational needs. More than simply assigning grades, assessment should be understood as a tool that supports learning, contributing to the development of knowledge and competencies. In this context, it is essential that the assessment process be continuous, diagnostic, and formative, valuing each student's progress and potential. This study, based on a bibliographic review, presents reflections on the relevance of assessment in the early years of schooling, highlighting its role in guiding pedagogical practices and promoting more meaningful and inclusive learning.

Keywords: Learning Assessment; Early Years of Schooling; Elementary Education; Formative Assessment; School Development; Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem ocupa um lugar de destaque nas discussões educacionais contemporâneas, especialmente quando se trata das séries iniciais do Ensino Fundamental. Nessa etapa da escolarização, as experiências vivenciadas pelos estudantes são determinantes para a construção de conhecimentos, habilidades e competências que servirão de base para toda a sua trajetória acadêmica. Por essa razão, refletir sobre os processos avaliativos torna-se essencial para compreender como a escola pode contribuir de maneira mais efetiva para o desenvolvimento integral dos alunos.

Este artigo não tem a pretensão de esgotar as diversas abordagens, concepções e debates relacionados à avaliação escolar. Seu propósito é apresentar uma reflexão fundamentada em pesquisa bibliográfica sobre a importância da avaliação nas séries iniciais, destacando seu papel como instrumento de acompanhamento da aprendizagem e de orientação das práticas pedagógicas. Mais do que atribuir notas ou classificar estudantes, a avaliação deve ser compreendida como uma ferramenta que possibilita

[1] Discente, Christian Business School. E-mail: valdivabatista1972@gmail.com.

identificar avanços, dificuldades e potencialidades, contribuindo para a construção de um ensino mais significativo e inclusivo.

A escolha do tema decorre da relevância que a avaliação assume no contexto educacional e da necessidade de promover discussões que favoreçam práticas avaliativas mais humanizadas. Durante muito tempo, a avaliação esteve associada a uma perspectiva classificatória e seletiva, centrada na mensuração do desempenho dos alunos. No entanto, os avanços nas pesquisas educacionais apontam para a necessidade de superar essa visão, reconhecendo a avaliação como um processo contínuo, formativo e comprometido com a aprendizagem.

Nesse sentido, este estudo busca refletir sobre os sistemas e as práticas de avaliação presentes nas instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, enfatizando que o processo educativo não pode ser reduzido a números ou resultados quantitativos. A aprendizagem é um fenômeno complexo, que envolve aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais, exigindo instrumentos avaliativos capazes de considerar as diferentes formas de aprender e de se desenvolver.

Conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a avaliação deve ocorrer de forma contínua e cumulativa, priorizando os aspectos qualitativos do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, constitui um importante instrumento de reflexão para o trabalho docente, permitindo ao professor acompanhar o progresso dos estudantes e analisar a eficácia de suas práticas pedagógicas.

Para compreender melhor essa temática, este trabalho apresenta um breve percurso histórico da avaliação educacional, desde suas origens até as concepções contemporâneas. Em seguida, discute os principais conceitos relacionados à avaliação da aprendizagem e analisa suas implicações para o desempenho escolar, com ênfase nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Ao final, busca-se contribuir para a reflexão de professores, gestores, famílias e demais envolvidos no processo educativo, reforçando a importância de uma avaliação comprometida com a formação integral do estudante e com a promoção de uma educação de qualidade para todos.

1 PROCESSO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO

A avaliação acompanha a trajetória da humanidade há milhares de anos e sempre esteve relacionada à necessidade de verificar conhecimentos, habilidades e capacidades dos indivíduos. Os registros históricos indicam que, por volta de 2025 a.C., na China Antiga,

já eram realizados exames para selecionar pessoas aptas a exercer funções no serviço público. Esses procedimentos podem ser considerados algumas das primeiras formas organizadas de avaliação de que se tem conhecimento.

Na Grécia Antiga, especialmente em Esparta, os processos avaliativos estavam voltados para a formação militar. Os jovens eram submetidos a desafios físicos rigorosos que testavam resistência, coragem, disciplina e capacidade de enfrentar adversidades. Já em Atenas, a avaliação assumiu um caráter mais reflexivo e intelectual. Destaca-se nesse contexto a figura de Sócrates, que utilizava questionamentos e diálogos como estratégia para estimular o pensamento crítico e a construção do conhecimento. Sua defesa do princípio "conhece-te a ti mesmo" valorizava a autoavaliação como um importante caminho para o desenvolvimento pessoal e para a busca da verdade.

Durante a Idade Média, o conhecimento era fortemente influenciado pela autoridade dos mestres e das instituições religiosas. Nesse período, a aprendizagem era demonstrada principalmente pela capacidade de memorizar e reproduzir conteúdo. Assim, a avaliação estava centrada na repetição fiel dos ensinamentos recebidos, valorizando sobretudo a memória e a atenção dos estudantes. Posteriormente, pensadores como Santo Tomás de Aquino passaram a defender uma postura mais investigativa diante do conhecimento, contribuindo para mudanças graduais na forma de ensinar e avaliar.

Com o Renascimento, surgiram novas perspectivas educacionais impulsionadas pelo movimento humanista. A educação passou a reconhecer mais amplamente as particularidades dos indivíduos e suas diferentes formas de aprender. Enquanto o humanismo cristão enfatizava uma formação voltada para o desenvolvimento das potencialidades humanas e para o respeito às diferenças individuais, outras correntes valorizavam a autonomia e a capacidade de realização pessoal. Essas transformações influenciaram significativamente as concepções de ensino e avaliação.

Outro marco importante foi a invenção da imprensa, no século XV, que ampliou o acesso ao conhecimento e favoreceu a expansão das instituições escolares. O aumento da circulação de livros e materiais de estudo estimulou novas formas de ensinar e avaliar. Nesse contexto, o exame escrito começou a ganhar relevância, sendo registrado seu uso em Cambridge, na Inglaterra, em 1702, como um instrumento formal de verificação da aprendizagem.

Durante o século XIX, os estudos sobre avaliação tornaram-se mais sistemáticos. Nos Estados Unidos, foram desenvolvidos testes de rendimento escolar para medir o

desempenho dos estudantes em diferentes níveis de ensino. Paralelamente, na França e em Portugal, surgiram pesquisas no campo da Docimologia, área dedicada ao estudo dos exames e dos processos de atribuição de notas. Conforme destaca Depresbiteris (1989), essa área surgiu como uma crítica à excessiva confiança depositada nos exames tradicionais utilizados para classificação e seleção dos alunos.

As pesquisas realizadas nesse período evidenciaram limitações importantes dos modelos avaliativos vigentes, mostrando que as notas nem sempre representavam de forma fiel o aprendizado dos estudantes. Essa constatação impulsionou novas reflexões sobre a necessidade de aperfeiçoar os instrumentos de avaliação e torná-los mais justos e significativos.

Nas primeiras décadas do século XX, a avaliação educacional continuava fortemente associada à aplicação de testes padronizados. Entretanto, a partir da década de 1950, novas concepções começaram a emergir, especialmente com as contribuições de Ralph Tyler. Seus estudos promoveram uma mudança significativa ao defender que a avaliação não deveria se restringir aos testes e exames, mas considerar diferentes formas de acompanhar o desenvolvimento dos alunos.

Tyler propôs a utilização de instrumentos variados, como questionários, escalas de atitudes, inventários e registros sistemáticos de observação, ampliando as possibilidades de coleta de informações sobre a aprendizagem. Essa perspectiva contribuiu para consolidar uma visão mais abrangente da avaliação, entendendo-a como um processo contínuo, capaz de orientar o trabalho pedagógico e favorecer o desenvolvimento integral dos estudantes.

Dessa forma, a evolução histórica da avaliação demonstra uma trajetória marcada pela transformação de práticas predominantemente classificatórias para abordagens que valorizam o acompanhamento do processo de aprendizagem. Atualmente, a avaliação é compreendida como um importante instrumento de diagnóstico, reflexão e intervenção pedagógica, especialmente nas séries iniciais, em que o desenvolvimento dos estudantes requer atenção constante e práticas educativas mais humanizadas.

No Brasil a avaliação como sinônimo de provas e exames é uma herança que data de 1599, trazida ao Brasil pelos jesuítas. O ensino jesuítico permaneceu no Brasil até 1759, ou seja, por mais de 200 anos. Este ensino era caracterizado por uma postura tradicional com o foco no professor e levava o aluno a uma prática que o distanciava da convivência com a sociedade. Sobre essa questão Libâneo diz:

> “Os objetivos, explícitos ou implícitos, referem-se à formação de um aluno ideal desvinculado com a sua realidade concreta. O professor tende a encaixar o aluno num modelo idealizado de homem que nada tem a ver com a vida presente e futura. A matéria de ensino é tratada separadamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade e da vida.” (LIBANÊO, 1994, p.64)

O período republicano trouxe a avaliação da aprendizagem de forma mais sistemática, desse modo os educandos passaram a ser avaliados constantemente com a realização de provas. Assim a avaliação se restringia a aprovação e reprovação do aluno. A partir de 1932 com o Manifesto dos Pioneiros a luta por uma escola democrática que contemplasse toda população ganhou mais força. A Escola Nova apresentou a proposta onde os professores tivessem como parâmetro os interesses dos alunos, tornando-se assim facilitadores ao invés de apenas transmissores de conteúdo.

2 O CONCEITO DE AVALIAÇÃO

O dicionário Antônio Houaiss (2001), traz quatro definições para a palavra avaliação, ou seja, para o ato de avaliar. A primeira das definições define avaliação como: "cálculo de valor de um bem ou de bens"; a segunda como: "valor determinado por quem avalia"; a terceira: "apreciação ou conjectura sobre condição, extensão, intensidade, qualidade etc. de algo" e a quarta como: "verificação que objetiva determinar a competência, o progresso etc. de um profissional, aluno etc.”.

A avaliação da aprendizagem ocupa um papel central no contexto educacional. No entanto, ao longo do tempo, muitas práticas escolares passaram a associar o sucesso acadêmico apenas à obtenção de notas e à aprovação para a série seguinte. Essa visão reduz a complexidade do processo educativo, levando estudantes a enxergarem a escola apenas como um espaço de realização de provas e alcance de resultados numéricos. Dessa forma, o valor do conhecimento, da reflexão e do desenvolvimento integral do aluno acaba sendo colocado em segundo plano.

Quando a avaliação é utilizada exclusivamente como instrumento de classificação, podem surgir consequências negativas, como a desmotivação dos estudantes, dificuldades de aprendizagem, repetência, evasão escolar e sentimento de insegurança diante de situações avaliativas. Essas experiências, muitas vezes, acompanham o indivíduo ao longo da vida, gerando receio e ansiedade sempre que sua capacidade ou desempenho precisam ser analisados.

Nesse contexto, torna-se necessário compreender a avaliação sob uma perspectiva mais ampla e humanizada. Avaliar não significa apenas atribuir notas ou verificar

resultados, mas acompanhar continuamente o processo de aprendizagem, identificando avanços, dificuldades e possibilidades de intervenção pedagógica. Trata-se de um exercício de reflexão crítica sobre os diversos fatores que influenciam o ensino e a aprendizagem, permitindo que professores e estudantes construam caminhos mais eficazes para o desenvolvimento do conhecimento.

De acordo com Nevo (1990), a avaliação pode abranger diferentes dimensões do processo educacional, uma vez que quase todos os aspectos relacionados à educação são passíveis de análise. Assim, a avaliação da aprendizagem constitui uma parte fundamental do sistema educacional, contribuindo não apenas para verificar o desempenho dos estudantes, mas também para aperfeiçoar as práticas pedagógicas e promover uma educação mais inclusiva, significativa e comprometida com a formação integral dos sujeitos.

Segundo LUKESI (1998) a avaliação da aprendizagem deve ser assumida como um instrumento que existe, propriamente para mensurar a qualidade da assimilação do conhecimento por parte do aluno e para compreender em que estágio da aprendizagem ele se encontra. Assim, é possível estabelecer um vínculo entre o ensino e a qualidade das propostas de intervenção realizadas pelos professores.

Deve ser vista como um instrumento a favor do educando, e tem a função de proporcionar condições de aprendizado e desenvolvimento. Ela possibilita uma retomada na proposta pedagógica, com o objetivo de melhorar algum ponto no processo que não esteja sendo alcançado. Quando tratada dessa forma, deixa de medir e julgar somente os alunos, e passa a verificar também a capacidade do professor e a da escola em transmitir o conhecimento para os alunos.

Esse método em questão não pode ser entendido como um momento final do processo em que se verifica o que o aprendiz alcançou. A questão não está em tentar uniformizar o comportamento do ser humano, mas em criar condições de aprendizagem que permitam a ele, qualquer que seja seu nível, evoluir na construção de seu conhecimento.

Uma descrição da avaliação e da aprendizagem poderia revelar todos os conhecimentos adquiridos em uma sala de aula, analisar a aprendizagem (e não julgá-la) levaria o professor e os estudantes a constatarem o que realmente ocorreu durante o processo: se estes tivessem espaço para revelar na prática cotidiana os fatos tais como eles realmente ocorreram, a avaliação seria real, objetiva e com resultados práticos e aplicativos.

A função da avaliação dentro desse conceito seria a de diagnosticar, reforçar e permitir crescer. Assim, o papel do professor é o de um conselheiro, de um orientador, e não o de um juiz, júri e executor. A abordagem da avaliação como "punição" é substituída pela abordagem da "melhoria contínua". O homem hoje tem de processar informações de um modo muito diferente do de ontem. Nossos mestres gostariam que compreendêssemos o que nos ensinam nos mínimos detalhes, mas a sobrecarga é muito grande. A quantidade de informações é excessiva. O segredo é, portanto, "escanearmos" o que realmente importa e a escolha desse conteúdo e sua aplicação em benefício de um crescimento individual e coletivo que diferencia o sábio do prepotente.

A verdade é que a avaliação da aprendizagem possibilita a tomada de decisão e a melhoria da qualidade de ensino, informando as ações em desenvolvimento e a necessidade de regulações constantes para encontrar parâmetros que possam estabelecer quais as melhores formas de chegar ao educando de modo que ele consiga agregar os conteúdos ao seu cotidiano.

No Brasil, a concepção de avaliação proposta pelos PCNs (Brasil, MEC: 1997) pretende superar a concepção tradicional de avaliação, compreendendo-a como parte integrante e intrínseca do processo educacional. Também mencionam que “a avaliação das aprendizagens só poderá ocorrer se forem relacionadas com as oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar.”

A tarefa do professor nem sempre é fácil, por isso, concordamos com os Parâmetros Curriculares Nacionais, capítulo introdutório, no que se refere ao ato avaliativo (BRASIL. 1997, p.59):

> A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e sobre a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. (BRASIL. 1997, p.59):

O ato de avaliar não é uma tarefa fácil exige muito compromisso e relevância, pois a avaliação tem quer qualitativa levando sempre em conta os pontos positivos e negativo do aluno.

3 A AVALIAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os primeiros anos do Ensino Fundamental representam uma etapa de profundas descobertas e transformações na vida da criança. Ao ingressar nesse novo ambiente, o estudante passa a conviver com diferentes desafios, como a alfabetização, a ampliação das relações sociais e a adaptação a novas rotinas escolares. Diante dessas mudanças, é natural que algumas crianças demonstrem insegurança, timidez ou dificuldades para expressar suas capacidades. Nesse contexto, o papel do professor torna-se fundamental para acolher, orientar e criar condições que favoreçam o desenvolvimento integral dos alunos.

A criança chega à escola trazendo consigo conhecimentos, experiências e formas próprias de compreender o mundo. Por isso, o processo educativo deve partir dessa bagagem inicial, valorizando os saberes já construídos e estabelecendo conexões significativas com novos conhecimentos. Cabe ao professor observar atentamente as particularidades de cada estudante, identificando suas necessidades e potencialidades para planejar intervenções adequadas ao seu desenvolvimento.

Durante o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, muitas crianças encontram desafios que exigem acompanhamento cuidadoso e sensível. Nessa fase, é essencial evitar julgamentos precipitados ou rótulos que possam comprometer sua autoestima e motivação. Em vez de compreender as dificuldades como limitações do aluno, o educador deve refletir sobre suas práticas e buscar estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem, respeitando o ritmo e as características individuais de cada criança.

Nesse cenário, a avaliação assume um papel de grande relevância. Nas séries iniciais, ela deve ser entendida como um processo contínuo de acompanhamento da aprendizagem, permitindo ao professor conhecer melhor seus alunos e identificar avanços, dificuldades e possibilidades de intervenção. Mais do que verificar resultados, a avaliação precisa fornecer informações que auxiliem na tomada de decisões pedagógicas e na construção de experiências educacionais mais significativas.

Para que cumpra essa função, é importante que os instrumentos avaliativos sejam diversificados e coerentes com os objetivos de aprendizagem. Observações diárias, registros, atividades coletivas, produções individuais, rodas de conversa e projetos são algumas das estratégias que podem contribuir para uma avaliação mais ampla e

contextualizada. Dessa forma, o foco deixa de ser apenas a atribuição de notas e passa a ser o desenvolvimento das competências e habilidades previstas para cada etapa escolar.

A avaliação também deve ser realizada de forma humanizada, respeitando as diferenças individuais e reconhecendo que cada criança possui seu próprio tempo de aprendizagem. Conforme destaca Luckesi (1998), avaliar implica acolher o estudante em sua realidade, compreendendo suas conquistas e desafios sem reduzi-lo a números ou classificações. Quando desenvolvida nessa perspectiva, a avaliação deixa de ser motivo de medo ou ansiedade e passa a desempenhar uma função diagnóstica, orientadora e formativa.

Nas séries iniciais, o processo avaliativo somente alcança seu verdadeiro significado quando contribui para promover o crescimento do estudante. Isso exige que os resultados sejam utilizados para repensar práticas pedagógicas, ajustar estratégias de ensino e criar oportunidades para que todos os alunos possam avançar. Assim, a escola fortalece seu compromisso com uma educação inclusiva, democrática e voltada para a aprendizagem de todos.

O professor é um dos principais agentes desse processo, pois mantém contato direto e constante com os alunos. Ao acompanhar o desenvolvimento da turma, ele pode identificar necessidades específicas, esclarecer dúvidas e planejar ações que favoreçam a construção do conhecimento. Para isso, é fundamental manter uma postura investigativa e reflexiva, avaliando continuamente tanto os avanços dos estudantes quanto a eficácia das metodologias utilizadas.

Entretanto, apesar dos avanços nas concepções educacionais e nas orientações legais que defendem a avaliação formativa, muitos profissionais ainda enfrentam desafios para implementar essa proposta em sua prática cotidiana. Entre as dificuldades encontradas estão a necessidade de formação continuada, as condições de trabalho, a sobrecarga de funções e a escassez de recursos pedagógicos. Esses fatores podem impactar a qualidade do acompanhamento oferecido aos estudantes e limitar a adoção de práticas avaliativas mais eficazes.

Diante disso, torna-se cada vez mais necessário investir na valorização docente e no fortalecimento da formação profissional, de modo que os educadores disponham de condições adequadas para desenvolver processos avaliativos coerentes com os princípios da educação contemporânea. Somente assim a avaliação poderá cumprir sua verdadeira

função: contribuir para a aprendizagem, promover o desenvolvimento integral da criança e garantir uma educação de qualidade para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação faz parte da vida cotidiana e está presente em diversos momentos da trajetória humana. Constantemente refletimos sobre nossas ações, decisões e resultados, utilizando essas experiências como oportunidades de aprendizagem e crescimento. No contexto escolar, entretanto, muitas vezes a avaliação ainda é percebida de forma limitada, sendo associada apenas a provas, notas e aprovação. Essa compreensão reduz a amplitude do processo educativo e pode fazer com que os alunos enxerguem a escola mais como um espaço de julgamento do que de construção do conhecimento.

Ao longo deste estudo, foi possível compreender que a avaliação e o ensino são processos inseparáveis. Avaliar não consiste apenas em verificar o que o estudante aprendeu, mas também em analisar a eficácia das práticas pedagógicas, identificar dificuldades e criar oportunidades para que a aprendizagem aconteça de forma significativa. Nesse sentido, a avaliação adquire um papel fundamental na orientação do trabalho docente e no desenvolvimento integral dos estudantes.

A escola, como espaço de formação humana e social, deve promover ações articuladas que contribuam para o desenvolvimento das capacidades intelectuais, emocionais e sociais dos alunos. Para isso, cada componente do processo educativo precisa atuar de forma integrada, buscando objetivos comuns voltados para a formação de cidadãos críticos, participativos e conscientes de seu papel na sociedade. Nesse contexto, a avaliação assume um significado mais amplo, deixando de ser apenas uma ferramenta de mensuração para tornar-se um instrumento de acompanhamento e transformação da aprendizagem.

É importante destacar que uma avaliação comprometida com o desenvolvimento dos estudantes exige professores reflexivos, capazes de acompanhar continuamente o processo de construção do conhecimento. O educador atua como mediador da aprendizagem, utilizando os resultados da avaliação para compreender os avanços alcançados, identificar necessidades e planejar intervenções que favoreçam o crescimento de cada aluno.

Além disso, é necessário reconhecer que avaliar vai muito além da aplicação de provas escritas. Embora os testes sejam recursos importantes em determinadas situações,

existem diversos instrumentos que permitem compreender de forma mais ampla o desenvolvimento dos estudantes, como observações sistemáticas, registros pedagógicos, entrevistas, portfólios, produções individuais e atividades coletivas. A utilização de diferentes estratégias possibilita uma visão mais completa da aprendizagem e respeita as múltiplas formas de expressão e desenvolvimento das crianças.

Contudo, a construção de uma avaliação verdadeiramente formativa ainda representa um desafio para muitas instituições de ensino e profissionais da educação. Sua efetivação requer estudo, planejamento, formação continuada e, principalmente, uma mudança de postura diante do processo educativo. Essa transformação envolve repensar concepções tradicionais, superar práticas exclusivamente classificatórias e compreender a avaliação como uma ferramenta a serviço da aprendizagem.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, esse desafio torna-se ainda mais significativo. Nessa etapa, é indispensável considerar os diferentes ritmos de aprendizagem, as necessidades individuais e as particularidades do desenvolvimento infantil. Avaliar exige um olhar atento, sensível e acolhedor, capaz de reconhecer não apenas os resultados alcançados, mas também os esforços, os avanços e as potencialidades de cada estudante.

Por fim, conclui-se que a avaliação escolar deve ser compreendida como um processo contínuo, diagnóstico e formativo, cujo objetivo principal é contribuir para a melhoria da aprendizagem e para o desenvolvimento integral dos alunos. Quando realizada de maneira ética, reflexiva e humanizada, ela deixa de ser um mecanismo de exclusão ou classificação para tornar-se um instrumento de inclusão, crescimento e transformação educacional. Cabe aos educadores, juntamente com toda a comunidade escolar, fortalecer práticas avaliativas que valorizem o potencial de cada estudante e promovam uma educação mais justa, democrática e significativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394/96.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DEPRESBÍTERIS, Léa. O desafio da avaliação da aprendizagem: dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HOFFMAN, Jussara. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 16.ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

NEVO, David. The conceptualization of educational evaluation: An analytical review of the literature. In: HOUSE, Ernest R. (editor). New directions in educational evaluation. Philadelphia, USA: The Falmer Press, 1986.

SANT'ANNA, Ilza Martins. Porque avaliar? Como avaliar? Critérios e Instrumentos. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Monalize Rigon da; VARELA, Simone. A Avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Inicias do Ensino Fundamental. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007.

TYLER, R. W. Princípios básicos de currículo e ensino. Tradução de Leonel Valtandro. 9.ed. Porto Alegre. Rio de Janeiro: Globo, 1986.